



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

**Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira
 Lucineide Maria de Lima Pessoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 A interlocução de saberes na antropologia 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-709-3

DOI 10.22533/at.ed.093211301

1. Antropologia. 2. Saberes. I. Marcelo Máximo Purificação (Organizador). II. Maria Filomena Rodrigues Teixeira (Organizadora). III. Lucineide Maria de Lima Pessoni (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“ (...) A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004: p.138).

Prezados/as leitores/as, apresentamos a vocês a obra: “A Interlocação de Saberes na Antropologia 3”, organizada a partir da perspectiva dialógica de estudos desenvolvidos por pesquisadores/investigadores do Brasil, Portugal, Moçambique e Uruguai. Uma obra perpassada por temas amplos e alargados dentro do ponto de vista da antropologia e áreas afins, dos quais citamos: etnógrafos, etnicidade, ancestralidade, cultura, comunidade quilombola, consumismo, Estado, gêneros, identidade étnica, dependência química, experiência multissensorial, jovens, mudanças climáticas, natureza, mar, sexo, ontologia tsonga- tumbuluko, recursos naturais, redes locais de cuidado, saber profissional, transexualidade, virada ontológica e etc.

Organizada em treze capítulos, que possibilitam o encontro de saberes, vistos a partir da lupa de artefatos históricos, sociais, culturais e políticos, estabelecendo liames com a antropologia numa perspectiva crítica e reflexiva. Pesquisas elaboradas nessa natureza (crítica/reflexiva) interligando saberes antropológicos, têm grande potencial de (des/re) territorialização de novos saberes, como bem afirma Rogério Haesbaert (2004)¹ Esses novos saberes, vistos pelo viés da antropologia reverberam discussões que podem colaborar para conhecimentos limítrofes às racionalidades, as sociedades e as culturas. Isto dito, desejamos a todos/as, uma boa leitura. Que os textos, contidos nesta obra, possam possibilitar a vocês leitores/as movimentos reflexivos constantes e novos conhecimentos.

Dr. Marcelo Máximo Purificação
Dra. Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Dra. Lucineide Maria de Lima Pessoni

¹ HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad.: Bertrand Brasil. Anteriormente citado na epígrafe dessa sessão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSTRUIR SABER PROFISSIONAL DE TERRENO COM JOVENS ETNÓGRAFOS SOCIAIS	
Telmo H. Caria	
DOI 10.22533/at.ed.0932113011	
CAPÍTULO 2	8
DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES	
Viviane Sales Oliveira	
Marise de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0932113012	
CAPÍTULO 3	20
“É MUITA FALTA DE IMAGINAÇÃO”: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A (NEO)MATERIALIZAÇÃO DO SEXO E DO ESTADO A PARTIR DE PROCESSOS JURÍDICOS DE RETIFICAÇÃO DE NOME CIVIL E DE GÊNERO EM PORTO ALEGRE/RS	
Lucas Riboli Besen	
DOI 10.22533/at.ed.0932113013	
CAPÍTULO 4	40
APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA	
Fronika Claziena Agatha de Wit	
DOI 10.22533/at.ed.0932113014	
CAPÍTULO 5	52
EMBATE ONTOLÓGICO ENTRE A INSTITUIÇÃO MÉDICA EM MOÇAMBIQUE E AS PRÁTICAS DE CURA TSONGA	
Nosta da Graça Mandlate	
DOI 10.22533/at.ed.0932113015	
CAPÍTULO 6	64
ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE	
Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.0932113016	
CAPÍTULO 7	77
HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY	
Leticia D'Ambrosio Camarero	
DOI 10.22533/at.ed.0932113017	
CAPÍTULO 8	97
INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS	

MASCULINAS

Janine Targino

DOI 10.22533/at.ed.0932113018

CAPÍTULO 9..... 112

“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Juliana Abonizio

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

Susana Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.0932113019

CAPÍTULO 10..... 124

NATUREZA E CULTURA: DO AUSTRALOPITHECUS AO HOMO SAPIENS SAPIENS E AO “HOMO CRETINENSIS”

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.09321130110

CAPÍTULO 11 139

REDUCCIONISMO CONSUMISTA: ANTROPOLOGIA EM RISCO

Manoel Cambuim de Lima

Jacir Alfonso Zanatta

DOI 10.22533/at.ed.09321130111

CAPÍTULO 12..... 152

ENVELHECIMENTO E DOENÇAS CRÓNICAS: DAS VULNERABILIDADES À FRAGILIDADE

Marta Maia

Oswaldo Matavel

DOI 10.22533/at.ed.09321130112

CAPÍTULO 13..... 158

ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

DOI 10.22533/at.ed.09321130113

SOBRE OS ORGANIZADORES 165

ÍNDICE REMISSIVO..... 167

CAPÍTULO 9

“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Data de aceite: 04/01/2021

Juliana Abonizio

<http://lattes.cnpq.br/9668060044309607>

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

<http://lattes.cnpq.br/3645829178389230>

Susana Gonçalves Costa

<https://orcid.org/0000-0002-2766-0135>

RESUMO: Ao serem considerados indivíduos e ganharem nome e espaço na organização familiar, os animais eleitos para o afeto são alvo de expectativas e projeções de gênero e, para compreender como tal fenômeno ocorre, utilizamos três estratégias metodológicas: 1- observação participante e conversas informais com tutores, tendo como critério de seleção estabelecimentos comerciais de produtos para animais de estimação localizados em Cuiabá-capital do estado de Mato Grosso, escolhidos pelo porte; 2- entrevistas com atendentes e médicos veterinários, 3- classificação dos objetos vendidos para os animais de acordo com o gênero. Por haver mais objetos, tais como roupas e acessórios, dirigidos a cães, restringimos a análise a essa espécie. A pesquisa foi realizada entre 2015 e 2017 como parte de um projeto maior intitulado O lugar social dos animais na sociedade contemporânea. Através dos dados construídos, observamos como os objetos refletem as expectativas dos tutores dos atributos de masculinidade e feminilidade dos animais tutelados numa concepção

binária de gênero. Os produtos dirigidos às fêmeas destacam-se pela predominância da cor rosa e por laços e presilhas para cabeça, vestidos e saias, além de peças com brilhos. Para os machos, são ofertados produtos que objetivam a noção de masculinidade, tais como gravatas, camisetas de times de futebol e réplicas de uniformes de profissões ocupadas tradicionalmente por homens, como policial, bombeiro e segurança.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo; animais de estimação; gênero.

“BOY WEARS BLUE, GIRL WEARS PINK”: GENDER AND PETS

ABSTRACT: When considered as individuals and gain a name and space in the family organization, the animals chosen for affection are the target of expectations and projections of gender and tounder stand how this phenomenon occurs we adop three methodological strategies: 1- Participant observation and informal conversations with tutors, inside commercial establishments of pet products located in Cuiabá - capital of the state of Mato Grosso, wich were selected by size; 2- Interviews with veterinarians, their assistants and pet shop clercks, 3 - Classification of objects old to animal according to gender. Because there are more objects, such as clothing and accessories, directed to dogs, were stricted the analysis to this specie. The research was conducted between 2015 and 2017 as part of a larger project entitled: The Social Place of Animals in Contemporary Society. Through the constructed data, we observed how the objects reflects

the expectations of the tutors of the attributes of masculinity and femininity of the pets in a binary conception of gender. The product aimed at females stand out by the predominance of pink color and by ribbon and head loops, dresses and skirts, as well as pieces with sparkles. For males, products that objectify the notion of masculinity, such as ties, soccer team jerseys, and replicas of uniforms of occupations traditionally occupied by men, such as police, firefighter, security, are offered.

KEYWORDS: Consumption; pets; gender.

INTRODUÇÃO

Uma das autoras deste artigo, além de pesquisadora da relação entre humanos e animais, é tutora de um *poodle*, acompanhada do canino, dirigiu-se a um Pet Shop em Natal, no Rio Grande do Norte, a fim de comprar um extensor de guia para que Ozzy pudesse correr mais livremente em Ponta Negra, uma das praias brasileiras que aceita a presença de cães. Ao chegar ao estabelecimento comercial, solicitou o extensor à atendente e a resposta foi o questionamento: “Trata-se de macho ou fêmea?” Pensativa sobre as alternativas binárias apresentadas, a tutora respondeu, ainda que sem certeza e apelando para o senso comum, que o animal era macho, ao que a vendedora respondeu com ar triste: - “Mas só tenho rosa”. A tutora comprou o extensor rosa-choque e, como um brinde, veio a ideia de refletir sobre a transposição de valores de gênero para os animais de estimação, afinal, qual o problema de um cachorro usar uma coleira ou qualquer outro adereço da cor rosa? Isso afetaria a construção da masculinidade de quem? Do cão ou da sociedade na qual ele se insere? Como se dá a relação entre as duas fronteiras, gênero e espécie, sendo que ambas, apesar de culturais, baseiam-se em argumentos biológicos?

Considerando que analisar a vida cotidiana se inicia com perguntas a fim de desvendar como, em situações banais do cotidiano em que nada se parece passar (PAIS, 2002), o social se manifesta, se reproduz ou se rompe, decidimos investigar a construção de gênero dos animais de estimação através do consumo de produtos que lhe são destinados, sendo classificados como específicos para machos ou fêmeas e, noutras vezes, sem tal direcionamento.

Para atingirmos nosso objetivo, escolhemos três estratégias metodológicas: 1- observação participante e conversas informais com tutores em estabelecimentos comerciais de produtos para pets; entrevistas com atendentes e médicos veterinários dos estabelecimentos selecionados; 3-classificação dos objetos vendidos para os animais de acordo com o gênero. Por haver mais objetos, tais como roupas e acessórios, dirigidos a cães, restringimos a análise nessa espécie. Realizamos a observação em quatro estabelecimentos comerciais destinados a animais de estimação, localizados em Cuiabá-capital do estado de Mato Grosso, Brasil, escolhidos pelo porte em razão da variedade de produtos que poderíamos encontrar. Durante a observação, conversamos com tutores e consumidores em potencial dos produtos ali comercializados e também entrevistamos

três atendentes e duas médicas veterinárias. Para fins comparativos e maior abrangência, classificamos objetos comercializados dirigidos a pets vendidos em uma loja virtual. Os dados foram construídos entre 2015 e 2017 e os resultados parciais foram apresentados em duas ocasiões: apresentação oral com o título “**Menino veste azul, menina veste rosa**”: atribuição de papéis de gênero em famílias multiespécies” no **VII Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia** (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa) Lisboa - Portugal 04 a 07 de junho de 2019 e publicados no **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 7, n. 2, pp. 102-122, 2019 com o título **Entre laços e gravatas: gênero e animais de companhia**. O formato e o conteúdo foram revisados para o formato que agora apresentamos.

Como dissemos no início, a reflexão teve início em Natal, cidade na qual uma das autoras atuava como investigadora visitante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao qual cabe os mais sinceros agradecimentos pela oportunidade e pelas discussões teóricas que possibilitaram essa reflexão.

CONSUMO ESTIMADO: MERCADO E ANIMAIS DE COMPANHIA

Na sociedade contemporânea, as relações de afeto entre animais humanos e não humanos têm uma demarcação nada clara (KULICK, 2009, p. 499). Não apenas integrantes do mesmo espaço doméstico, hoje vemos que muitos animais são considerados como membros da família. Se os laços entre espécies não são novidade, a rede de relações entre espécies tem pelos menos uma característica que ganha destaque na cultura contemporânea, da qual por vezes se enfatiza as práticas de consumo e hiper consumo (LIPOVETSKY, 2007): o afeto se baseia ou é mediado pela aquisição de produtos e serviços que garantem além de conforto e segurança aos bichos, *status* para animais e donos.

Não à toa, a denominação *pet*- usual no Brasil, mas não recorrente em Portugal - marca, não um tipo de animal, mas um tipo de relacionamento interespecífico e também um mercado. Tal mercado aproxima os consumidores enquanto compradores e os consumidores enquanto usuários dos produtos. Não raras vezes, a própria escolha da mercadoria passa a ser do animal de estimação, como nos casos das padarias caninas que oferecem degustação ainda que os humanos sejam os únicos a portarem as carteiras e as senhas dos cartões de crédito. O consumo de objetos é uma das maneiras de borrar a fronteira entre as espécies ao lado de outras práticas e concepções que lhes subjazem. Assim, ao atribuir um nome, em especial se esse nome for de uso recorrente em humanos, ao vestir, vacinar, delimitar dietas, obedecer a práticas sanitárias, coabitar, dividir a cama, o carro e o lugar no avião, controlar a ingestão alimentar, o gasto calórico e a vida sexual, os animais são incorporados no modo de vida humano moderno ocidental.

Este modo de viver caracteriza-se por um tipo específico de consumo e de produção

de mercadorias e os animais de companhia se destacam enquanto um segmento econômico. No Brasil, desde 2012, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento criou uma Câmara Setorial Produtiva dos Animais de Estimação, reconhecendo a importância deste mercado. Somente em 2017, o faturamento mundial do setor foi de US\$119,5 bilhões. O Brasil foi responsável por US\$ 20,3 bilhões dessa movimentação, ficando atrás apenas de Estados Unidos e Reino Unido. (ABINPET, 2018, p.1).

Conforme Carvalho e Pessanha (2012, p. 634), os tutores que têm um comportamento antropomórfico gastam com seus *pets* mais que o dobro que aqueles que “... não oferecem guloseimas, acessórios, roupas ou deixam seus animais terem livre acesso ao domicílio”. São rações *premium*, tratamentos veterinários especializados, serviços de embelezamento, brinquedos educativos, jóias, além de camas, casinhas e coleiras personalizadas. Em somente um dos estabelecimentos comerciais pesquisados, pudemos verificar a oferta de pelo menos oito marcas diferentes de rações para cães, com variações como: cardíaca, renal, sênior, *light* e obesidade.

Da mesma maneira, encontramos vários produtos para o “embelezamento” dos animais, em uma mistura entre as noções de higiene e de estética, como xampus, tiaras, e outros adereços cuja compra simboliza o amor que sentem pelos animais de estimação, sendo que estes, geralmente, são denominados filhos. (BAPTISTELLA, 2019).

As mercadorias também funcionam como uma forma de atribuir identidade àquele indivíduo, que passa a ser parte da família e não um exemplar de uma espécie, e percebemos que a identidade é construída com vários fatores, dentre os quais, destacamos, nessa reflexão, o gênero.

O QUE OS ESTABELECIMENTOS ESTABELECEM: AS LOJAS PESQUISADAS

As quatro lojas que visitamos são de médio e grande porte. Duas delas funcionam como clínicas de animais, já as outras duas só têm licença para realizar procedimentos simples, como aplicação de vacinas e vermífugos, despugnação, descarrapatização, banho e tosa e pequenos curativos. As outras duas fazem procedimentos mais complexos (como cirurgias variadas) e também funcionam como hotel.

Os estabelecimentos que visitamos seguem um *layout* bastante parecido: há um balcão de atendimento, onde se podem solicitar remédios e rações que ficam expostos na parte de dentro do balcão, com acesso restrito aos funcionários. Há uma área interna onde se realizam consultas e, nos casos das clínicas, também dá acesso à área cirúrgica e de internação. A parte mais ampla das lojas funciona como vitrine de produtos onde o consumidor tem acesso livre. Lá ficam: bebedouros, pratos, brinquedos, arranhadores, bolas, algumas marcas de ração, biscoitos e outros produtos mastigáveis, além de camas, bolsas, casinhas, adereços (como laços, gravatas, calçados e coleiras) e roupas.

Os produtos dividem-se basicamente entre os destinados a gatos e a cachorros,

mas há gaiolas e rações para hamster, pássaros, peixes decorativos, tartarugas e jabutis. Dentre os produtos, centralizamos a análise naqueles direcionados aos caninos, uma vez que essa é a espécie que mais ocupa a categoria *pet* no Brasil e é o maior público-alvo além de ter aceitação do uso de adereços.

As roupas não estão divididas em masculinas e femininas na disposição (o que também se confirma na loja *online* em que a descrição do produto não traz qualquer coisa que identifique o gênero), porém a cor e o tema conduzem a uma classificação não necessariamente consciente por parte dos tutores. Já os acessórios, no caso *online*, contém a descrição delimitadora de gênero: “colar de *strass* cristal feminino tamanho PP”, “colar peludo masculino inox médio”. Há também colar unissex, mas visualmente não se pode diferenciá-lo do masculino. Apesar de a distribuição das roupas nos espaços seguir padrões variados, como marca, tamanho, estação do ano, as roupas são direcionadas aos gêneros, como vestidos e moletoms, gravatas, roupas de presidiário, super heróis, estampas de brasões de times de futebol e assemelhadas a uniformes de profissões tipicamente masculinas, como bombeiro e guarda-costas. Já as roupas femininas são basicamente compostas de vestidos e calcinhas higiênicas e reproduzem fantasias e temas como bruxinha, saia de *futton*, princesa. Também há fantasias de outros animais, como tubarão, jacaré e dinossauro que concluímos serem mais usadas por machos, de acordo com os potenciais consumidores presentes nos estabelecimentos.

Os adereços são, em maioria, femininos, como presilhas, pingentes, brincos auto-colantes e em nada se diferenciam de produtos para os ralos cabelos de bebês recém nascidos. Em alguns casos, a única diferença encontrada foi a estampa com “ossinhos” que induz a conclusão de que se tratava de um produto para cães. No caso dos machos, destacam-se as gravatinhas que são colocadas nos animais principalmente após receberem os tratamentos de tosa e banho. Já as fêmeas recebem lacinhos coloridos e, se tem pelos curtos, adesivos auto-colantes que imitam pedras coloridas, como *strass* e brilhantes.

Mas o que esses adereços significam? Qual noção de masculinidade e feminilidade subjaz o consumo de adereços? Os objetos consumidos ligam-se a uma concepção de natureza biológica do gênero? Como essa classificação se insere em uma concepção binária de gênero que fundamenta, apesar de ser questionada por diversos movimentos sociais, a cultura contemporânea?



Foto 1: Uso de manequins para roupas de cães.

Foto: Autoras, 2019.

SEXO E GÊNERO NAS FRONTEIRAS DA BIOLOGIA E DA ANTROPOMORFIZAÇÃO DOS ANIMAIS DE COMPANHIA

A partir da segunda metade do século XX, inicia-se e logo se intensifica a distinção conceitual entre “sexo” e “gênero”, sendo o primeiro aquilo que categorizaria biologicamente os humanos e demais animais, e o segundo termo passou a designar as diferenças atribuídas culturalmente e refere-se a uma discussão humana. Sexo, enquanto componente corporal, divide os seres em machos e fêmeas, enquanto o gênero, sendo uma construção cultural, categoria os humanos entre masculinos e femininos. Obviamente, ambas as categorias são criadas por humanos (e no caso de gênero, exclusivamente para pensar os humanos) e muitas vezes justapostas no senso comum. Cabe ressaltar que a distinção entre sexo / gênero teve grande repercussão e cresceu academicamente principalmente nos estudos feministas, que possibilitaria o questionamento da subalternidade da mulher e, posteriormente, pelos estudos *queer*. Sendo considerado cultural e não algo da natureza, o papel ocupado pelas mulheres passa a ser questionado.

Esse avanço nas pesquisas sobre gênero e o desenvolvimento do ramo do que se chama de Estudos Feministas foi paralelo ao desenvolvimento dos Estudos Animais, ou *Humans Animals Studies*. Tal campo também é interdisciplinar (deMELLO, 2012) e tem

desconstruído a diferença também estabelecida como natural entre os humanos e os demais animais (INGOLD, 1994.). Da mesma forma que se construiu artificialmente a concepção de natureza de sexo correlato a gênero, foi construída a ideia de animalidade e humanidade baseando-se em distinções supostamente biológicas que vem sendo postas em xeque por pesquisadores variados, embasando inclusive ativismos como procede também pelo campo dos Estudos Feministas. Há uma intersecção entre algumas pesquisas e ativismos que percebem a similaridade da exploração da mulher e da exploração dos animais, dentre os quais, as fêmeas são as mais exploradas, como as cadelas progenitoras, as vacas leiteiras e galinhas poedeiras, o que reproduz, no nível dos animais, a hierarquia de gênero.

A novidade proposta em nossa análise é unir as questões de gênero e de animalidade, ambas as fronteiras complexas e sobretudo nubladas pelas (pré) noções de natureza e cultura no caso dos animais de estimação, principalmente porque o animal criado como animal de estimação tem uma condição liminar, o que confunde ainda mais as definições tanto de espécie quanto de gênero. Compra-se um animal fêmea, mas, ao deixar de ser mercadoria, considerando que mercadoria é um estado e não uma natureza do objeto (APPADURAI, 2008), e passando a ser membro da família, a cadela, pouco a pouco muda seu *status* e vai deixando de ser animal e ser fêmea, para ser a “nossa filhinha caçula” que é “dócil”, uma “flor de menina”.

A entrada dos animais (de somente algumas espécies, ressaltamos) na esfera moral da sociedade, se passa a lhes conferir direitos, lhes abala a natureza daquilo que são ou deixam de ser. A crença na natureza da feminilidade e masculinidade (concepções de gênero confundidas com sexo) persiste nos discursos analisados, porém, é acompanhada de afirmações dadas por profissionais veterinários que o que vale, em termos de temperamento, é a criação, o que questiona a determinação biológica, dado que se torna curioso vindo de um profissional cuja a formação tem um currículo basicamente técnico com poucas ou nenhuma discussão sobre cultura e sociedade.

DAS OFERTAS ILIMITADAS ÀS LIMITAÇÕES DE GÊNERO

A classificação dos produtos como masculino, feminino e unisex – com estética neutra indiferenciável dos objetos classificados como dirigidos aos machos – é entrecruzada com outros critérios classificativos, como o tamanho, o temperamento, a raça, entre outros.

Segundo Sahlins (2003, p.202), as roupas servem para sinalizar dentro de uma sociedade a separação entre masculino e feminino¹. Na contemporaneidade ocidental, por exemplo, vemos as saias como elementos de uso exclusivo da mulher. No caso dos homens, a falta de uma peça de roupa sinaliza a masculinidade: o andar sem camisa.

¹ Mesmo entre humanos, as roupas unissex, ou sem gênero, podem ser alvo de polêmicas. Em março deste ano, a marca lusitana Zippy lançou sua primeira coleção sem gênero e foi alvo de críticas em redes sociais, sendo acusada de ideologia de gênero. A marca precisou explicar publicamente que sua coleção não estava ligada a nenhum tipo de movimento ou ideologia. Da mesma maneira, a britânica Jonh Lewis foi alvo de indignação em 2017 por apresentar peças que poderiam ser vestidas por meninos e meninas. (MARQUES, 2019, p.1).

Vale lembrar que os próprios *pet shops* estimulam a distinção entre sexos a partir de adereços. Após o banho, por exemplo, as fêmeas ganham lacinhos coloridos ou adesivos brilhantes enquanto os machos são adornados com bandanas ou gravatinhas. As roupas, nesse caso, funcionam de maneira semiótica, como signos que vão sinalizar à sociedade o gênero daquele animal.

No caso do *pet*, a ausência também é significativa, tal como os brincos em recém nascidos. Se não os tem, trata-se de um exemplar humano masculino. Os bebês humanos, em que o gênero ainda não foi incorporado, por desenvolvimento físico entrecruzado com técnicas corporais, as distinções de gênero se manifestam nas cores das roupas ou na presença-ausência de acessórios, como colantes de cabeça e brincos. Se carregam brincos, trata-se de meninas, apesar do questionamento dessa prática por sujeitos da cena da modificação corporal, tendo em vista a sua arbitrariedade.

Trata-se, pela legislação brasileira, maus tratos submeter animais a procedimentos estéticos, tais como amputação de rabos e orelhas, não obstante, proíbe-se a realização de modificações corporais, como tatuagens e perfurações, por menores de idade, a exceção de perfurações no lóbulo da orelha. Apesar de a legislação não mencionar, trata-se de uma prática realizada em recém nascidos do sexo feminino.

Sobre essa discussão, o artista, pesquisador e ativista da modificação corporal, Thi Angel, afirma que:

Em São Paulo desde 1997 a **lei de número 9.828** – conhecida como **lei Campos Machado** – proíbe a colocação de adornos, tais quais *body piercing* e tatuagem, em menores de idade, exceto brincos nos lóbulos das orelhas. Ora, curiosamente o projeto de lei não faz nenhuma menção às questões essenciais tais quais autonomia e consentimento, ambas serão desenvolvidas no decorrer do texto. Irônico, mas a **lei Campos Machado** proíbe quem já tem capacidade de escolha e pode consentir em ter o seu corpo perfurado, mas legitima que os corpos que não podem ainda consentir sejam perfurados. (ANGEL, 2015, p.1)

O autor combate a prática cissexista que se manifesta na perfuração das orelhas de meninas e submete indivíduos, desde o nascimento, a uma concepção binarista e excludente, manifesta, inclusive, as cores azul e rosa.

Guimarães (2003, p. 41) chama esta condição de “vocalização dinâmica das cores”. Na sociedade contemporânea, afirma o autor, o rosa é associado à feminilidade e à homossexualidade e seu uso constitui uma informação ligada ao universo da mulher e do “mundo gay”. O azul, mais comumente, é colocado em oposição, representando o masculino.

Recentemente, inclusive, a Ministra brasileira da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, viralizou em um vídeo em que cercada de ruidosos correligionários proclamava: “Atenção! É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa”. Se, entre os humanos, a declaração criou controvérsia, ganhando

detratores e apoiadores, a pesquisa nas lojas nos mostra que para os animais tal crença é reforçada pela oferta de produtos.

A maioria das roupas para fêmeas trazem cores da paleta do rosa, em diversas tonalidades e as estampas trazem motivos infantis. As formas das roupas para as cadelas, além de emularem os vestidos e saias humanos, também são mais curvilíneas e muitas vezes contam com babados e detalhes como lacinhos. Havia ainda peças que reproduziam signos da moda durante o período da pesquisa: o animal *print*, especialmente a estampa de oncinha, era vista com frequência nas araras e prateleiras dedicadas às fêmeas. Outro signo bastante presente da feminilidade foi o brilho: adesivos, coleiras, lacinhos e guias eram recobertos de pedrinhas brilhantes.

Já as roupas masculinas geralmente trazem tonalidades mais associadas ao universo masculino, como azul e verde. As formas destas roupas, mais uma vez, tem como referencial os modelos humanos e encontramos diversas camisas polo e camisetas para machos. As estampas trazem temas como “marinheiro”, “super-herói” e “pirata”.

É importante salientar que há uma diferença dos produtos e da noção de masculinidade e feminilidade expressa no tamanho dos animais. As roupas e acessórios dirigidos a animais grandes têm menos elementos característicos da feminilidade exagerada tal como visto nos produtos dirigidos às raças pequenas. Para animais grandes, existe pouca ou nenhuma opção que os antropomorfizem.



Figura 2: A fêmea recebe adesivos brilhantes e uma bandana rosa, para sinalizar seu gênero.

Foto: autoras, 2019.

Em uma das lojas pesquisadas, as únicas roupas disponíveis para cães grandes eram roupas pós-cirúrgicas que tem o propósito de evitar que o animal retire os pontos, mas, segundo a dona do estabelecimento, o produto era vendido em duas opções de cores, rosa e azul. Mesmo sendo uma roupa funcional, as vestes pós-operatórias revestem-se de símbolos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vendedores, veterinários e tutores entrevistados durante essa pesquisa destacaram a procura por roupas que destaquem o gênero ao que o animal pertence – salientando que isso é visto como algo biológico - e tal preferência se manifesta também em perfumes, coleiras, guias etc. Não há indicação tão evidente de gênero quando se trata da compra de casinhas, já os brinquedos geralmente são unissex, diferenciando-se principalmente pelo direcionamento aos diferentes portes. Para além da esfera do consumo, a nomeação dos animais é bastante distintiva de gênero e reveladora das qualidades que se acreditam intrínsecas: Branda, Serena, Thor, Mel, Coragem, Phelipe, Zeus. Alguns, como o Ozzy, com quem ocorreu o evento que deu início a essa reflexão, carrega o sobrenome, indicando seu pertencimento – quase – indistinto à sua família humana.

A antropomorfização e também a infantilização dos *pets* são recorrentes, pois os tutores, em caso de verbalizar sobre o gênero do animal, geralmente utilizam a expressão: “ele é menino” ou “ela é menina”. Independentemente da castração, muitos entrevistados negam a possibilidade de atividade sexual aos tutelados – excetuando-se em fins procriativos com finalidades principalmente comerciais – justamente por um declarado ou latente ciúme de seu bebê, sentimentos que recaem principalmente sobre fêmeas.

É importante salientar que a produção de bens de consumo para animais de companhia com variação de gênero não simula tão somente as expectativas dos tutores, mas é também uma reprodução de valores vigentes na sociedade analisada, no caso a brasileira contemporânea, ainda que haja diversos movimentos sociais a questionar tais determinações de gênero. Até o momento, não vimos o questionamento dos papéis de gênero em relação aos animais, apesar de estes já estarem inseridos na esfera moral da sociedade como vimos em trabalhos anteriores, sobretudo no direito.

REFERÊNCIAS

ABINPET. 2018. *Mercado Pet Brasil 2018*. Disponível em: <http://abinpet.org.br/download/abinpet_folder_2018_d9.pdf>. Data de acesso: 05/04/2019.

AMARO, C.; CUSTÓDIO, A. 2011. O “fazer o bem sem olhar a quem” e os limites da abordagem antropocêntrica na história das relações homem-animal. *ComCiência*, São Paulo, n. 134, p. 1, dez.

- ANGEL, T. 2015. Para Repensar as perfurações nas orelhas de crianças. Site *Frrrkguys*. Disponível em: <<http://www.frrrkguys.com.br/para-repensar-as-perfuracoes-nas-orelhas-das-criancas/>>. Data de acesso: 03/04/2019.
- APPADURAI, Arjun. 2008. *A Vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niteroi, RJ: Universidade Federal Fluminense.
- BAPTISTELLA, E.T. 2019. *Animais e fronteiras: um estudo sobre as relações entre animais humanos e não-humanos*. Curitiba: Appris.
- BRASIL. 2012. *Ministério anuncia a criação de cadeia produtiva pet*. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/animais-e-estimacao/anos-anteriores/ata-de-reuniao-12>>. Data de acesso: 02/05/2015.
- CÃES e gatos: machos ou fêmeas? Site *Estimação*. Disponível em: <<https://www.estimacao.com.br/caes-e-gatos-machos-ou-femeas/>>. Data de acesso: 03/04/2019.
- CANAL do Pet. S/D. Como saber o sexo do gato e qual é melhor para você. *IG*. Disponível em: <<https://canaldopet.ig.com.br/cuidados/dicas/2017-11-01/sexo-do-gato.html>>. Data de acesso : 27/03/2019.
- CANATTO, B.D. e al. 2012. Caracterização demográfica das populações de cães e gatos supervisionados do município de São Paulo. *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec*, v.64, n.6, p. 1515 – 1523.
- CARVALHO, R.L.S.; PESSANHA, L.D.R. 2013. Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro. *Revista Sociais & Humanas*, online, v. 26, n. 3, p. 622 – 637.
- GASTALDO, E. 2008. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. *Rev. bras. Ci. Soc.*, online, vol.23, n.68, pp.149-153, outubro. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000300013>>. Data de acesso: 08/03/2019.
- GUIMARÃES, L. 2003. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume.
- INGOLD, t. (1994) Humanity and animality. In: Ingold, T. (Org.). *Companion encyclopedia of anthropology*. London: Routledge. p. 14-32
- KULICK, D. 2009. Animais Gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. *MANA*, v. 15, n. 2, p. 481-508.
- LIPOVETSKY, G. 2007. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MAFESSOLI, M. 2001. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record.
- DeMELLO, Margo. 2012. *Animals and Society: An Introduction to Human-Animal Studies*. . New York: Columbia University Press. 488 pp.

MARQUES, A. C. 2019. *Coleção "sem gênero" da Zippy cria polêmica e obriga marca a reagir*. Observador. Disponível em: <<https://observador.pt/2019/03/27/colecao-sem-genero-da-zippy-cria-polemica-e-obriga-marca-a-reagir/>> .Data de acesso: 04/04/19.

PAIS, J. M. 2002. *Sociologia da vida cotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

PEREZ, C. 2016. *Signos da marca: expressividade e sensorialidade*. São Paulo: Cengage Learning.

RIBEIRO, C.B.A et al. 2018. Azul ou rosa? Futebol ou boneca? Menino ou menina? O chá de revelação e o espectro dos papéis sociais no consumo e na construção da identidade de gênero. IX Encontro Nacional de Estudos de Consumo. Disponível em: <<http://estudosdoconsumo.com/wp-content/uploads/2018/11/ENEC2018-GT09-RIBEIRO-CARMO-MESQUITA-PINTO-AzulOuRosa.pdf>>. Data de acesso: 03/04/2019.

RUFINO, I. 2017. *Quanto Custa ser mulher?* Diário do Comércio. Disponível em: <<https://dcomercio.com.br/categoria/negocios/quanto-custa-ser-mulher>>. Acesso em: 07/04/2019.

RUSKY, R. 2017. Macho ou fêmea? *Correio Brasiliense*.. Disponível em: <<http://blogs.correiobrasiliense.com.br/maisbichos/macho-ou-femea/>>. Data de acesso: 08/04/19.

SAHLINS, M. 2003. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VERHOEF-VERHALLEN, J. 2017. *Enciclopédia ilustrada de cães grandes & médios*. São Paulo: Editora Escala.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ancestralidade 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 75

Antropologia 1, 2, 18, 20, 38, 41, 42, 43, 44, 62, 63, 66, 74, 96, 114, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 152, 153, 158

C

Comunidade quilombola 64, 65, 71, 73, 75

Consumismo 139, 140, 147, 148

Consumo 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 121, 122, 123, 131, 134, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149

Cultura 10, 12, 15, 18, 19, 29, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 75, 76, 81, 96, 102, 114, 116, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 135, 136, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 165, 166

D

Dependência química 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Drogas 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

E

Estado 6, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 52, 56, 61, 62, 66, 91, 93, 95, 97, 100, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 118, 131, 132, 154, 155, 158, 161, 163, 165, 166

Etnicidades 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 19

Etnógrafos 1, 3

F

Formas simbólicas 8, 9, 10, 15, 18

G

Gênero 9, 20, 21, 22, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 97, 98, 99, 103, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 142, 165

I

Identidade étnica 8, 10, 11, 19

J

Jovens 1, 56, 57, 69, 100, 101, 102, 110, 160, 162

M

Mar 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 110

Mudanças climáticas 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 59

N

Natureza 3, 6, 10, 12, 21, 25, 29, 35, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 58, 70, 73, 116, 117, 118, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144

O

Ontologia Tsonga-Tumbuluko 52

P

Pesquisa de campo 64, 98

R

Recursos naturais 124, 125, 128, 131, 132, 134, 136

Redes locais de cuidado 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Reduccionismo 139

S

Saber profissional 1, 2, 7


Sexo 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 102, 104, 110, 117, 118, 119, 122

T

Transexualidade 20

V

Virada ontológica 40, 42, 43, 48, 49




A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 